

Rubem Braga 24.10.69

A Inquieta Primavera

Faço uma pequena biblioteca sobre bichos, o que é um meio de empalhar ternuras. Na realidade devia haver também grandes livros descrevendo mulheres, com narração minuciosa de seus tipos, pequenas amostras ou reprodução a côres dos cabelos e pele, disco autêntico da voz contendo um suspiro e uma exclamação de tédio e um gemido de amor, quem sabe pequenos filmes, ficha histórica, resenhas das maiores tristezas e loucuras e retrospecto emotivo no fim da obra.

Os antigos eram talvez mais sábios, eles recebiam das amadas cachinhos de cabelos com fita azul, e é terrível pensar que o sentimento de cavalheirismo era neles tão rígido que, às vezes, os devolviam denro de velhas cartas de amor, cancelando o passado e a saudade futura; os antigos eram sábios e fortes.

Nós vivemos desarmados, e corremos todo o risco; hoje as mulheres são espertas e aborrecem o amor, ou então disparam a nos amar da maneira mais incongruente e nefasta para de súbito adorarem um amigo outrora íntimo.

E, como é outubro, alguém me chama a atenção para o fato de o grande gato pardo estar a perder os pelos, com o que sabiamente se prepara para o próximo verão. São também sábios os gatos.

Já fui acusado de gostar de mulheres tristes. Não é verdade. Amo-as vivas e animais, distraídas como rôlas e egoístas como gatos. Até me apraz que façam um certo ruído levemente aborrecido; por exemplo, tagarelem muito enquanto me ponho a pensar minhas pobres coisas.

Na verdade procuro superar esta primavera de 1969, que está forte no repuxo e melancólica no fundo. Que venha um grande verão de acácias chovendo ouro e cigarras cantando, venha um grande verão com sua inocente força animal, como os grandes verões de antigamente!